

FICHA TÉCNICA

www.manuscrito.pt
facebook.com/manuscritoeditora

© 2015

Direitos reservados para Letras & Diálogos
Uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA

Título original: *D. Teresa*

Autora: *Isabel Stilwell*

Copyright © Isabel Stilwell, 2015

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2015

Capa: *C&P Design*

Imagem da capa: © *Malgorzata Maj/Arcangel Images*

Fotografia da autora: *José Sérgio*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

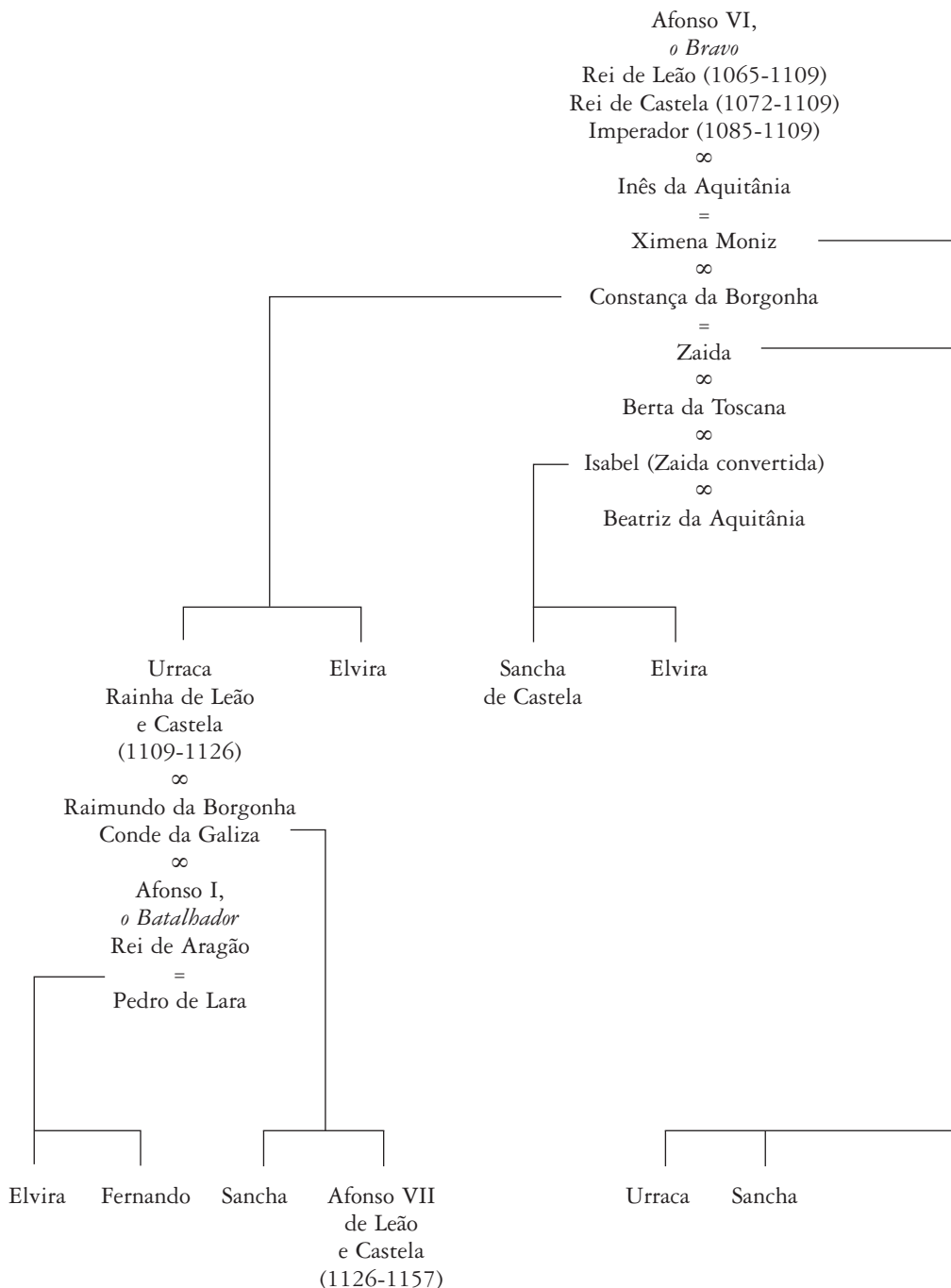
ISBN 978-989-8818-02-7

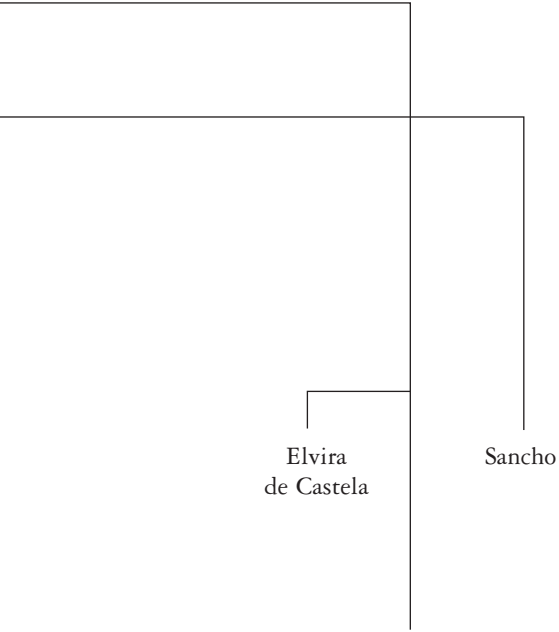
Depósito legal n.º 391 883/15

- 1.ª edição, Lisboa, maio, 2015
- 2.ª edição, Lisboa, maio, 2015
- 3.ª edição, Lisboa, junho, 2015

ÍNDICE

Árvore Genealógica	10
Bierzo	13
I PARTE — TRÊS IRMÃS NA CORTE DE LEÃO	19
II PARTE — O SABOR DO PODER	147
III PARTE — GUERRA DE IRMÃS	301
IV PARTE — A TRAIÇÃO DE UM FILHO	369
V PARTE — UMA RAINHA SEM REINO	485
Epílogo	499
Nota da Autora	501
<i>Dramatis Personae</i>	504
Mapa	509
Bibliografia	510





Elvira
de Castela

Sancho

Teresa
de Portugal
∞

Henrique
da Borgonha
Conde de Portugal
=
Fernão Peres
de Trava

Teresa

Henrique

Afonso I
Rei de Portugal
(1128-1185)
∞

Mafalda
de Saboia

Sancha

Teresa

Bierzo, março de 1086

A minha história é a história da ninfa do lago de Carucedo, que se estende pelo vale no sopé deste castelo de Urvel, que pertence à minha família desde tempos imemoriais.

Foi na margem destas águas que seduzi e encantei o maior dos homens e fui seduzida e encantada por ele. Quantas vezes me contaram a história da fada da água, de túnica longa e branca e olhos verdes, verdes como os meus, que saía de detrás de um penhasco e se sentava junto à margem a pentear os longos cabelos loiros, enchendo o ar com o canto que atraía a si todos aqueles que a ouviam. Quantas vezes me ri da ingenuidade da pobre ninfa, que acreditara ser capaz de prender para sempre o general romano, sempre tão altivo e soberbo, que a vinha escutar. Como me irritava e enfurecia quando me diziam que a ninfa se apaixonara por ele. Porque seria que nem a Ondina do lago se conseguia libertar do destino de todas as mulheres? Sabia de cor o que vinha a seguir, o repúdio, o vaidoso general a virar-lhe as costas, achando-a indigna do seu estatuto de cidadão de Roma. Por vezes, quando a minha ama chegava a esta parte da história, tapava-lhe a boca com as mãos. Não queria ouvir mais. Talvez soubesse, aquele saber sem se saber que se sabe, que tal como uma mosca atraída pela teia, também eu seria como ela. Era a sina das Moniz, das mulheres que recebiam o meu nome em batismo, das mulheres que nasciam e cresciam à beira de Carucedo, encantadas pela voz de Ondina.

Quando senti dentro de mim uma nova vida, tive esperança...

Afonso VI de Leão e Castela repudiara Inês da Aquitânia, porque não lhe dera um filho varão. E se fosse eu a conceber o herdeiro que tanto queria, de que precisava com urgência, porque não seria eu a rainha?

Aos 35 anos, o reconquistador das Espanhas aos mouros fizera desaparecer, sem olhar a meios, os dois irmãos, e agora Deus, ou o Diabo, pregava-lhe a maior das partidas, não lhe dava o filho que tranquilizaria a

corde, cortando pela raiz as intrigas e conspirações dos que se preparavam para o dia em que a espada do inimigo trespassasse o seu senhor.

Quando, no escuro da noite, peguei na mão do rei e a pousei suavemente no meu ventre, Afonso exultou, cobriu-me de beijos, e eu adormeci, o meu corpo nu contra o dele, na certeza de que fora capaz de vencer a maldição do lago de Carucedo.

Levou-me para o palácio real de Leão, e a minha barriga de jovem de 18 anos cresceu, untada pelos óleos das escravas, abençoada pelas orações do abade de St. Isidoro, seguida e vigiada por Joseph ben Ferrusiel, a quem chamavam o Cidiello ou ha-Nasi, o príncipe, o médico judeu do rei.

Passeava no jardim de laranjeiras, longe das terras do Bierzo, e os senhores de Afonso, quando se cruzavam comigo, inclinavam a cabeça numa saudação reverente. Era da estirpe dos Moniz do Bierzo, mas mais do que isso era o amor do rei, a mulher em que crescia a sua semente. O poder e a glória tinham o cheiro doce da flor de laranjeira.

À ceia, Afonso sentava-me ao seu lado, e entrelaçávamos os braços, bebendo eu da sua caneca, e ele da minha, ao som da cítara e da harpa, vendo dançar as damas e os nobres, que, se diziam mal de mim, faziam-no pela calada, e aquilo que não ouvimos, e não sabemos, não nos rouba o sono.

Apenas o olhar de Urraca Fernandez, a minha «cunhada» mais velha, me provocava calafrios. Irmã, ou mais do que isso, quisesse eu acreditar nos rumores que se faziam ouvir pelos corredores do paço, seguia o rei para onde o rei fosse, a sua assinatura contraposta à dele. Afonso dependia dela como se preso por um cordão umbilical invisível ou por um segredo demasiado pesado, demasiado perigoso, para que o quisesse carregar sozinho.

Mas mesmo Urraca Fernandez fingiu. Mesmo ela engoliu o ciúme e o desprezo, e aguardou. Porque sabia que, se o bebé fosse macho, nada poderia contra mim.

Pedi ao Dr. Ferrusiel para me dizer se trazia dentro de mim um varão ou uma menina, pela forma como a barriga crescia, pela maneira como se mexia, todos sabem que os rapazes são mais vivos e dão pontapés mais cedo, mas ele sorriu, aquele seu sorriso sábio, e recusou. Não havia forma segura de saber, garantiu-me, e o importante é que nascesse com saúde.

Fingi concordar. E pedi ajuda à minha escrava predileta, que me jurou o contrário. Conhecia quem possuía poderes para perscrutar aquele cofre sagrado onde os bebés se escondem, pediu-me dois maravides, e trouxe-me ao paço, disfarçada de lavadeira. A feiticeira, ou bruxa, adivinha, não sei que nome lhe dar, acendeu velas de sebo, mandou fechar os cortinados em redor da minha cama, e subindo-me a camisa até ao peito, deixou a descoberto a minha pele branca. Pediu-me o anel de rubi que Afonso me dera, pendurou-o num pequeno ramo de salgueiro, e baloiçou-o sobre o ventre, e o anel

rodopiou a uma velocidade crescente, em círculos que se tornavam cada vez mais apertados, louco, como um pião nas mãos de uma criança hábil.

— É uma menina, disse-me por fim.

Nessa noite trovejou de tal forma que de manhã o terreiro do jardim era um tapete de flores brancas, caídas ao chão antes de tempo.

Este ano não haverá fruta, disse-me a minha cunhada Urraca, quando quebrávamos o jejum depois da missa.

Vi que Afonso escutava a irmã e franzia o sobrolho, presentindo a profecia maldizente.

Nessa noite consegui fazê-lo esquecer tudo, mas no dia de maio em que os gritos de um recém-nascido ecoaram pelos aposentos, e o rei entrou para ver a filha, encolhi-me entre os panos ensopados de suor e sangue, e chorei de desilusão, como a ninfa de Carucedo. Afonso beijou-nos suavemente a testa, a minha e a da pequenina criatura, e deu-lhe o nome de Elvira, o nome da sua irmã, doce e generosa, que passava sempre despercebida. E eu suspirei de alívio.

Meses depois estava de novo grávida. Não me purifiquei, não respeitei os quarenta dias de resguardo exigidos pela Igreja, nem sequer que o sangue parasse de correr.

Como a ninfa, pentei o meu cabelo loiro, fiz um risco preto em redor dos meus olhos verdes, usei a minha voz, o meu corpo, as poções dos mouros, os segredos da minha ama, e trouxe Afonso de novo para dentro de mim. E ainda hoje acredito que me amava, ou que pelo menos estivesse encantado pela ideia de que em mim a sua semente dava fruto. A minha barriga empinada, que túnicas vergonhosamente justas propositadamente realçavam, era a prova da sua vitória na cama, como no campo de batalha. Da sua virilidade. E um rei precisa que todos saibam que é capaz.

A minha cunhada Urraca Fernandez escondeu, de novo, o olhar venenoso e fingia uma vénia, uma vénia da mulher mais poderosa de Leão e Castela, *domina* de um infantado que a tornava também a mais rica, abadessa da Sagrada Colegiada de St. Isidoro. O seu poder terreno, visível na presença constante junto do rei, o seu ascendente divino ostentado na riqueza com que enchia a basílica que dedicava ao santo, cujo corpo o seu pai Fernando, *o Bom*, resgatara aos mouros de Sevilha.

Desta vez, não perguntei nada ao médico, recusei a ajuda da escrava, não implorei as preces dos frades e nenhum pêndulo baloiçou sobre o meu ventre.

Elvira no berço, tratada por todos como princesa, teria de dar lugar ao Afonso que estava para nascer. Estava certa disso. Mas não fui ingénua. Não me podia dar ao luxo de o ser. O sangue dos meus antepassados impedia-me de me entregar, sem planos, a um destino menor. Fiz meu aliado Roberto, o abade do Mosteiro de São Fagundes de Sahagún, o magnífico

mosteiro real, a meio dia a cavalo de Leão, e que Afonso transformava no maior do seu império. Monge cluniacense, da poderosa ordem de Hugo de Cluny, aproveitei-me da sua insegurança e ambição e conquistei-o para a minha causa, prometendo-lhe mais poder e mais dinheiro, enganando-o com a certeza de que se afrouxasse a sua missão de impor o rito litúrgico romano, eliminando o nosso tão amado rito moçárabe, ganharia força e popularidade. Roberto sentia a revolta nos seus próprios frades, nas gentes das aldeias e das vilas, que não entendiam porque procuravam destronar a liturgia dos cristãos da Península que tinham resistido ao islão, substituindo-a por uma forma vinda do estrangeiro, que os tornava estranhos na sua própria Igreja. O abade, em troca, sossegou a consciência de Afonso, que professava a tolerância entre cristãos, judeus e árabes, indo ao encontro do seu desejo de não ser alvo da ira do povo e do clero. E acredito que calou as vozes que me acusavam de viver em pecado, e me chamavam concubina, enquanto preparavam um casamento que melhor lhes conviesse.

Perdi.

Os pulmões de Teresa acordaram a cidade de Leão. A lua cheia brilhava no céu de janeiro, naquele ano de 1080, e não havia homem nem mulher, dos mais ricos aos mais pobres deste reino, que não quisesse saber o que dizia a carta, deitada sobre a mesa há nove meses, e que ditava a minha vitória ou a minha derrota.

Esta menina nem pestaneja, disse a parteira, quando a entregou nos braços do pai.

Afonso embalou-a, hipnotizado, preso do seu olhar. Teresa atraía-o com os seus olhos verdes, com os olhos da ninfa, iguais aos meus, os olhos verdes das Moniz do Bierzo.

Não era o varão que me podia salvar, mas tinha a força e a determinação de quem vinha para reinar, e saldou ali, naquela primeira hora, um pacto com o pai, que acredito ninguém será capaz de quebrar.

Quando Afonso me pousou nos braços, fez-lhe o sinal da cruz na testa e baixinho murmurou:

— Teresa, filha minha.

Depois, depois tudo se precipitou. Vi-o no olhar da minha cunhada Urraca, e não quis esperar que Afonso me viesse mandar embora. Ordenei que enchessem as arcas com túnicas e capas, fechei as joias mais preciosas no cofre de marfim que o rei me oferecera, juntei-lhes as relíquias mais sagradas, a pequenina lasca da cruz de Cristo, para que me lembrasse sempre que o meu sofrimento não era comparável ao Dele, a minha cruz de St. André, e o fragmento de um osso do Santo Maior, e mandei as amas preparar as infantas para partir.

Voltava ao Bierzo, ao castelo de Urvel, ao lago de Carucedo. Com as duas filhas do rei.

Soube, semanas depois, que Constança da Borgonha, sobrinha de Hugo de Cluny, era a nova rainha de Castela e Leão. Numa união abençoada pela Santa Madre Igreja, Afonso tornava-se agora parente do abade dos abades, recompensando-o com mais ouro em troca da sua proteção, das suas orações, do perdão dos seus pecados e, sobretudo, do envio de cruzados, para reforçar o esforço da Reconquista. Da «sua» reconquista, a que se entregara de corpo e alma.

Disse-me o pobre D. Roberto, destituído do cargo em favor de Bernardo de Severiac, mais um proveniente das fileiras de Hugo, bem mais determinado e decidido do que o meu inconsolável amigo, a quem dei abrigo num dos meus mosteiros. Reconhecia assim a coragem com que me trouxe, para que lesse com os meus próprios olhos a cópia da carta que o papa Gregório enviara a Afonso, e que acabara de ditar o nosso destino.

A ameaça era clara: se o rei de Leão e Castela não se visse livre «dessa mulher de perdição, que fez um pacto com o abade de Sahagún, ver-me-ei obrigado a desembainhar a espada de S. Pedro».

Como a ninfa de Carucedo, ambicionei demasiado alto. Ou talvez fosse tudo uma questão de tempo, e a minha missão afinal consistisse em embalar o berço das minhas filhas e saber esperar.

Constança, apesar de já ser uma viúva de 36 anos, era fértil. Nove meses depois deu à luz, para minha consolação, uma menina, nascida no mesmo ano que Teresa. Batizaram-na de Urraca. Urraca de Leão e Castela.

A minha poderosa «cunhada» mandou dar-me conta da boa nova, e nem tentou esconder a satisfação. A sobrinha, a legítima, frisou, recebera o seu nome. Cuspi no fogo, e cruzei os dedos em figas, desejando que a fúria dos céus se abatesse sobre ela, culpava-a de tudo. E nessa noite as minhas lágrimas encheram o vale, o vale do Bierzo, e cobriram a Galiza, Castela, Leão, e todas as terras sobre as quais Afonso e a sua irmã Urraca reinavam. Tal como as lágrimas da ninfa de Carucedo tinham submergido a cidade de Lucerna onde o seu traidor se afogou, também as minhas quiseram fazer desaparecer todas as Urracas...

Seis anos depois Afonso regressa ao Bierzo, aclamado imperador, título que ofereceu a si mesmo ao tomar ao infiel a grande cidade de Toledo, de que fez arcebispo frei Bernardo, o abade de Sahagún, um estrangeiro, símbolo do poder de Cluny na Ibéria cristã. Seis anos em que à riqueza dos impostos que cobrava aos califas mouros que tem sob o seu domínio somou poder e prestígio.

Afonso tem tudo, tudo menos um filho.

Aos 43 anos, Afonso de Castela e Leão volta, estou certa, atraído pelo canto da ninfa de Carucedo. O canto de Teresa, filha minha, Teresa nossa filha.

I PARTE

TRÊS IRMÃS NA CORTE DE LEÃO
(1086-1094)

S. Pedro de Montes, Bierzo, abril de 1086

Teresa escondeu-se entre as rochas, fazendo sinal a Elvira para que estivesse calada como um rato. O imperador passou a galope, o leão da capa vermelha a rugir ao vento, deixando ver a cota dourada que só o rei podia usar. Seguia ladeado e protegido pelos seus homens, como convinha a quem viajava por estas veredas isoladas, onde os saqueadores ou os seus inimigos poderiam armadilhá-lo com facilidade.

O chão estava ainda gelado, abril acabado de entrar, e Teresa reparou com alívio que os cavaleiros estavam demasiado concentrados em evitar que as montadas escorregassem, para reparar nos quatro olhos, brilhantes, que os observavam por entre a folhagem. Demasiado distraídos para darem pela paisagem daquele vale do Paraíso, a neve no topo dos montes, a erva de um verde renascido, tão vivo que encandeava os olhos, os carvalhos e os castanheiros em flor, a descerem em direção ao rio.

Elvira subitamente espirrou. Uma vez, duas, três, as mãos a taparem a boca na urgência de abafar o barulho, que ecoava no silêncio absoluto, quase como uma avalanche. O jovem escudeiro que fechava a comitiva puxou as rédeas a fundo, e olhou em redor, desconfiado. Teresa reconheceu-o. «Alberto», murmurou baixinho, incapaz de conter a surpresa, mas ele não deu por ela, ou fingiu não dar, e esporeando o cavalo lazão partiu de novo no encalço dos outros, que já se afastavam.

Teresa saiu do esconderijo improvisado, furiosa com a irmã, que encolheu os ombros aflita, apontando para as mimosas em flor:

— Sabes que perto delas espirro sempre — lamentou-se.

Com 7 anos, Elvira era um ano mais velha do que Teresa, mas quem as conhecia, e para dizer a verdade mesmo quem as visse apenas uma vez, percebia que era Teresa quem dava as ordens, gizava os planos, construía as estratégias. Mandava, portanto.

— Não sei como é que um dia queres combater os mouros se nem te consegues esconder de um grupo de homens armados, nas montanhas que conheces desde que nasceste — refilou. E pegando na espada que deixara escondida entre os fetos, ordenou: — Agora não há nada a fazer, vamos embora que a mãe vai ficar furiosa por não estarmos vestidas e prontas para descer.

Elvira quis dizer que bem a tinha avisado de que o dia da chegada de Afonso VI não era o dia ideal para ensaiarem caminhadas nas serras, muito menos de espada na mão, mas não se atreveu.

Argumentos que não tinham dissuadido Teresa da sua expedição, tão determinada como a mãe, que, contra todas as previsões de temporal, há menos de dois dias mandara as filhas, e a gente da casa, atravessar as montanhas ainda nevadas, no difícil caminho do castelo de Urvel, até ao Mosteiro de S. Pedro de Montes, fundado e patrocinado pela família Moniz. Em tempos, havia sido ali que os eremitas tinham procurado a solidão, e agora Ximena buscava a proteção do abade Pedro. Mas talvez procurasse, acima de tudo, distância do lago de Carucedo...

— Porque será que o imperador cá vem? — perguntou ofegante Elvira, a pergunta que ninguém se atrevia a formular por palavras.

Teresa estacou em silêncio, enquanto sacudiu o cabelo loiro, endireitando a touca que nunca estava muito tempo direita na cabeça, apesar do esforço da ama, que a compunha vinte vezes por dia, não, quarenta, ou mesmo cinquenta, ou todas aquelas em que se cruzava com ela...

Talvez o pai viesse buscar a mãe, talvez a rainha Constança tivesse morrido, talvez os levasse a todos para a corte. Mas não queria confessar a Elvira o seu sonho, e por isso encolheu os ombros e respondeu, mal-humorada:

— E achas que eu sei? — E debruçando-se para apanhar uma margarida, começou a arrancar-lhe as pétalas, com fúria: «Bem me quer, mal me quer, muito, pouco ou nada.»

Irritava-a que a mãe fosse nada, ou quase nada, quando muito, pouco... Sabia que em tempos tinha sido «muito», mas que importava isso se agora era outra mulher que se sentava no trono à direita do pai, a quem os nobres beijavam a mão, e o povo aclamava à sua passagem. Se era ela, a outra, que tinha dado à luz uma filha legítima. A única. A sua meia-irmã Urraca.

Elvira esperou a explosão que se seguiria.

— A rainha devia ser a mãe — vociferou finalmente Teresa, enquanto atirava o pé da flor assassinada para o chão e a pisava.

Elvira esfregou os olhos inchados pelo pólen das flores que esvoaçava no ar, lavados agora pelas lágrimas:

— Não comeces com essa história outra vez — implorou.

Mas não tinha sorte nenhuma. Já sabia que não ia ter sorte nenhuma. Ultimamente, Teresa repetia e tornava a repetir a história de amor dos pais, ou de desamor, que uma das damas da mãe lhe contara às escondidas.

Por maldade, dizia a ama. Por inveja, garantia a criada, que se lembrava bem do ciúme que os amores de Ximena e Afonso tinham provocado naquela pequena corte de província. Mas fosse porque fosse, a verdade é que tinha estilhaçado o coração da irmã, e quando o coração da irmã era estilhaçado, sobrava para toda a gente à sua volta.

Teresa respirou fundo, aquele respirar fundo que a mãe repreendia sempre: «Teresa, pareces um boi a soprar pelas narinas, deixa-te disso», e calou-se. Elvira queria consolá-la, mas que podia dizer? Por muito ouro e terras que Ximena doasse aos conventos, por muito poder que a ligação ao imperador lhe trouxesse, o padre na prédica de domingo dizia vezes sem conta que os filhos não podem nascer fora do casamento. A alma da mãe estava em perigo, e quando Elvira fechava os olhos à noite via-a arder nas labaredas do Inferno, e ficava ali horas e horas a olhar o teto até que segurava contra si o corpo quente de Teresa, que dormia serenamente ao lado, e finalmente adormecia.

Teresa pareceu ler-lhe os pensamentos, e repetiu-lhe o que Ximena tantas vezes lhes dizia:

— Levanta a cabeça quando andas. És filha do imperador das Espanhas e da senhora do Bierzo. Nunca te esqueças disso.



Atravessaram o arco no muro da horta do Mosteiro de S. Pedro de Montes, e entraram pela porta de acesso às cozinhas, uma porta pesada de madeira que rodava com ruído nos gonzos, sempre aberta para que os irmãos menores pudessem ir deitar os restos aos porcos e às galinhas, e aos pobres...

A correr em bicos de pés, procurando não dar nas vistas, as irmãs subiram à torre alta, do lado esquerdo da igreja, onde a senhora do Bierzo se hospedava em S. Pedro de Montes. A ama recebeu-as aos gritos, agarrando Teresa pela gola da capa e abanando-a furiosa:

— Não vos tinha dito que hoje não havia saídas? E D. Teresa, o que faz outra vez com essa espada, não sabe que só a pode usar durante as lições?

As infantas nem tentaram protestar, deixando-se enfiar na tina de água morna, onde a criada as lavou com sabão de azeite e cinzas, até quase lhes arrancar a pele.

— Menina Teresa, deixe essas mãos de molho, ouviu? Olhe para essas unhas?!

Teresa, com os olhos a arder do sabão, ainda respigou. A ama inspirou fundo. Não podia dizer que não sabia a quem a infanta saía, tanto o pai como a mãe só faziam o que queriam.

Teresa, com o corpo esguio, a pele imaculada, os olhos verdes realçados por pestanas longas, não demoraria muito a saber usar a beleza a seu favor. A determinação faria o resto.

— E se estivesse caladinha e fizesse como a sua irmã, que já está vestida e pronta?

Elvira deixava que a criada lhe deitasse umas pingas de limão no cabelo para o tornar mais sedoso e fácil de pentear. Vestida com uma camisa de linho, coberta por uma túnica de burel, presa acima do ombro direito por um alfinete de pedras preciosas, os sapatos de bico de um couro de cordeiro fino, estava linda. Teresa lançou-lhe um olhar misto de inveja e orgulho.

— Ama, achas que o meu pai vai gostar mais dela? — perguntou, baixando a voz.

A ama envolveu-a na toalha para a secar, beijando-a de fugida. Aquela sua menina era sol e lua, trovão e brisa. Afagou-lhe os cabelos com ternura, se a soubessem levar seria leal até à morte.



— Teresa e Elvira, desçam com cuidado, sem tropeçar — recomendou uma das damas da mãe.

Elvira suspirou impaciente. Porque diziam sempre «Teresa e Elvira» e não «Elvira e Teresa»? Não valia de nada ter nascido um ano antes, ser a primogénita de Afonso VI, se a deixavam sempre para segundo lugar, ou para terceiro, se contasse com a irmã Urraca...

Os cânticos dos frades nas vésperas ecoavam nas paredes de pedra do mosteiro a gratidão pelos dons recebidos nesse dia agora que o Sol dava lugar ao brilho de Vénus, neste mosteiro escondido na serra mas que, nos últimos anos, crescera ao ponto de se tornar num dos mais importantes do Bierzo.

De cabeça baixa, os irmãos entoavam baixo as preces, enquanto acendiam as lareiras, cortavam batatas na cozinha, punham as panelas ao lume e abriam as mesas no refeitório, onde hoje o imperador e a família se sentariam a cear.

Teresa estava demasiado distraída para prestar atenção a orações. Quando entrou na sala reservada à família Moniz, viu a mãe e as suas damas, sentadas num banco corrido próximo da lareira, as mãos em copa pousadas sobre o colo, os olhos no imperador, como que hipnotizadas.

Afonso VI era alto, muito alto, o cabelo castanho ondulado e bem tratado chegava-lhe aos ombros, a barba era longa, até ao peito. Teresa

achava-o igual a Moisés com as tábuas dos mandamentos na mão, tal e qual a imagem que vira num dos grandes livros do mosteiro. Era tão forte, tão bonito, a pele tisonada do sol, apesar de a primavera ainda agora ter começado.

O imperador, ao reparar nas filhas, abriu os braços para as receber. Teresa procurou conter-se, mas não resistiu, correu para o pai, que a lançou ao ar, soltando uma gargalhada que se confundiu com a dele.

— Meu cabritinho do monte — disse-lhe o rei, beijando-a e pou-sando-a no chão, para, de seguida, beijar suavemente Elvira, que, direita e bem-comportada, esperava a sua vez.

— Dá-me uma espada nova, maior e de lâmina mais afiada? — pediu Teresa, fingindo não perceber o sobrolho franzido da mãe.

Afonso soltou uma nova gargalhada:

— O que é que fizeste à outra?

— Aprendi a lutar com ela, e já corto as ervas altas de uma vez só, mas não é a mesma coisa do que degolar um mouro, nem matar o inimigo a galope num cavalo. Um dia vou comandar o meu exército, como o imperador comanda o seu — disse a princesa, de um fôlego só.

Os homens de Afonso ergueram as canecas de vinho em saudação, e o imperador sentou a filha sobre o joelho:

— Só espero que a tua luta não seja contra mim, Teresa.

A filha olhou-o, como que a medir-lhe a altura e a força, e retorquiu convicta:

— Não, pelo menos para já não, porque perdia...

Afonso fingiu puxar-lhe uma orelha:

— Se fosse a ti não me atrevia! Mas fico contente que te juntes ao meu exército. Com a notícia de que os almorávidas vão desembarcar a sul, comandados pelo terrível Yusuf ben Tasufin, bem precisamos de que cresças depressa e aprendas a manejar essa espada.

Teresa procurou repetir o nome do chefe africano, atrapalhando-se a pronunciar-lo. Ouvindo rir, virou a cabeça zangada para descobrir quem se atrevia a troçar dela, dando de caras com Alberto, que, aos catorze anos, era o mais novo dos escudeiros do rei.

Alberto corou e fez uma vénia delicada e Teresa pensou, por minutos, se havia ou não de o crucificar. Saltou do colo do pai e apontando para o rapaz declarou:

— Da última vez que cá estiveram, o Alberto ensinou-me a usar a espada e a manejar o arco. Pai, pode deixá-lo ficar no Bierzo como meu professor?

A vingança servia-se fria. Afonso reparou, divertido, que o pobre escudeiro se engasgava na indignação. Por muito princesa que fosse, quem se imaginava Teresa para dispor assim da sua vida de soldado? Mas

antes que o rei pudesse responder, Ximena deu dois passos em direção à filha mais nova, e pondo-lhe as mãos nos ombros, apertou-os com força, espetando as unhas compridas na sua carne. Teresa sabia bem o que aquilo queria dizer, e procurando esconder a dor, despediu-se do rei, num tom subitamente sóbrio:

— Parece-me que hoje vou para a cama mais cedo — disse, e beijando a mão do imperador, deixou que a ama a levasse dali para fora.



Os ventos vindos dos cumes nevados infiltraram-se por todas as frestas, gelando a gente da casa até aos ossos, a noite no Bierzo era assim. Ximena puxou sobre os ombros a capa de urso, e chegando-se mais perto da lareira, onde enormes troncos ardiam, abriu as palmas das mãos para o fogo. Nas labaredas pareceu-lhe ver o seu passado, ela e Afonso, tão felizes e despreocupados, Afonso a oferecer-lhe o anel que até hoje nunca tinha tirado do dedo, Afonso com Teresa nos braços, as laranjeiras em flor.

Sentiu que o imperador se aproximava dela, como pressentimos o corpo de outra pessoa sem precisar de o ver, e sentiu um arrepio. Não se voltou, mas um arrepio de desejo percorreu-lhe o corpo quando sentiu a mão do homem que nunca deixara de amar, pousada no seu ombro. Se estivessem sozinhos... Mas não estavam, e o ruído das canecas a pousar nas mesas, ou erguidas em saúdes, e as vozes dos cavaleiros de Castela e Leão trouxeram-na de volta à realidade. Mais tarde, talvez mais tarde, mas agora a sua missão era uma: saber o que trazia aqui o imperador e tirar o máximo de partido do pedido que certamente lhe vinha fazer.

Finalmente voltou-se, passando a mão pela cara para esconder o rubor, e a centímetros do corpo de Afonso engoliu em seco e perguntou:

— Porquê agora? — perguntou Ximena.

Afonso teve vontade de dizer que regressara apenas por ela, porque continuava a sonhar com as noites de paixão que tinham partilhado, porque sentia a falta dos seus comentários irónicos, da lucidez com que antecipava tudo, mas mentiria, e depressa seria apanhado em falta. Mais tarde, talvez mais tarde, disse a si mesmo, mas agora tinha de cumprir o que o trouxera ali. Endireitou as costas, recuou, procurando escapar ao feitiço da ninfa, e com um ar displicente respondeu:

— Porque é tempo. Parto em campanha para Saragoça. Queremos tomá-la e agora que Toledo caiu acreditamos que seja possível — respondeu-lhe o rei.

Ximena estremeceu, preocupada:

— Judeus, cristãos, árabes, conseguimos sempre viver em paz, nas mesmas cidades, respeitar o culto uns dos outros... Dizem-me que, mesmo

depois da reconquista, em Toledo o muezim continua a ouvir-se tanto como os sinos. Não é um mundo melhor este que vais destruir?

Afonso encolheu os ombros, e Ximena reparou como se parecia com Elvira quando o fazia.

— Os cruzados que chegam do Norte não entendem porque não batalhamos nem às sextas, nem aos sábados, nem aos domingos. Não querem acreditar que, mesmo na guerra, respeitemos os dias santos de cada um...

Ximena sorriu, pela primeira vez abertamente, e Afonso sentiu-se hipnotizado pelo brilho dos seus olhos verdes.

— Mas é um mundo único que acaba, Afonso. E sabes bem que quando estás doente chamas o médico judeu, e não o supersticioso do alveitar da corte que acende velas e faz rezas, mas não sabe onde está a cabeça e os pés do doente... E se destroem os regos que irrigam as culturas, e envenenam os poços que dão de beber a tanta gente, os reis das taifas ficam sem dinheiro para te pagar os impostos, e tu, por sua vez, não tens forma de financiar Cluny... segundo me dizem, vai grande a abadia de D. Hugo. Com o dinheiro de Espanha — acrescentou com uma ponta de cinismo na voz.

O rei soltou uma gargalhada:

— Não te calas, apesar de tudo o que aconteceu? Se o bom do Hugo de Cluny te ouve, já para não falar no papa, e no bispo de Santiago, teremos novas cartas!

Ximena baixou os olhos:

— Roma já sabe o que penso da sua colonização, e quanto a Santiago de Compostela, agradecem o teu empenho em tornar o caminho dos peregrinos vindos de França mais seguro e direto, estão-te gratos pelo financiamento de abadias e mosteiros para hospedarem quem viaja, mas, aqui para nós, mal se sintam com força suficiente, vão fazer-te frente...

O rei impacientou-se:

— Esta conversa deixou de ter sentido. São guerreiros fanáticos, não se importam de matar e morrer em nome do islão, treinados em conventos militares para impor a sua fé.

Ximena não resistiu a usar de mais ironia:

— Cruzados, portanto.

— Bem mais impiedosos, com cavalos mais velozes e talvez melhores cavaleiros... Já recebi recados dos califas do Sul, que os temem mais do que a nós. A guerra também é contra eles!

— E tens homens que cheguem? — perguntou Ximena.

Afonso contou-lhe como já tinham chegado mais cruzados, homens com experiência e rapazes novos, senhores da Borgonha e de França, dispostos a expulsar os mouros, a troco de terras, de dinheiro, e do céu, evidentemente.

A aliança de Afonso e Constança fora inteligente, Ximena era suficientemente lúcida para o reconhecer. Voltou atrás:

— Mas com tanto que fazer para sul, porquê esta viagem ao Bierzo?

Afonso teve vontade de lhe dizer que todos os pretextos eram bons para a ver, mas o rosto cerrado de Ximena, que aos 26 anos continuava tão espantosamente bonita, não lhe permitiu continuar.

Bateu com as botas no chão para aquecer os pés, passou a mão pelo cabelo, franzindo a ruga do sobrolho, que se tornara mais profunda com o passar do tempo, e foi direito ao assunto:

— Quero levar Teresa e Elvira comigo.

— Elvira e Teresa — corrigiu Ximena, ríspida.

— Sim, Elvira e Teresa — emendou Afonso. — Quero levá-las para a corte de Leão. Fez-lhes bem o ar do campo e só ganharam por crescer longe de intrigas, mas agora...

— Agora o que é que mudou? É exatamente o que estou a perguntar — insistiu Ximena.

— Agora sinto que é justo dar-lhes as mesmas oportunidades que dou à minha filha Urraca. Como sabes, Constança teve mais filhas depois dela, mas todas morreram no berço — disse Afonso, calando-se por momentos.

Ximena não interrompeu o silêncio. Que podia dizer? Que tinha pena da mulher que a viera destronar?

— Se as quero casar bem, como pretendo, precisam de ser vistas na corte, de saber viver numa corte...

Ximena concordou. Não queria mostrar-se entusiasmada, mas quantas noites passara em claro a pensar que, se o rei de Leão e Castela viesse a ter muitos filhos e filhas, Teresa e Elvira — Elvira e Teresa, corrigiu-se em pensamentos — deixariam de lhe ser úteis e era provável até que as esquecesse. Ou as nomeasse damas de uma qualquer senhora, filhas bastardas arrumadas a um canto, irrelevantes...

Afonso percebeu o silêncio e avisou:

— Não desisti de ter um filho varão! Os homens no meu lugar não escolhem a vida que vivem.

«Nem as mulheres», esperou Ximena que o imperador dissesse, mas não disse. Limitou-se a olhá-la com desejo.

A senhora do Bierzo baixou os olhos, mas depois voltou a levantá-los decidida. Não se ia deixar levar pela sedução, sem antes garantir o futuro das suas filhas. Conteve-se. Não se podia precipitar nos braços do imperador, pedindo-lhe que ficasse, dizendo que ainda lhe podia dar o filho varão por que ele tanto esperava. Deu um passo atrás e atacou:

— A quem vai ser entregue a educação das minhas filhas? — Afonso pareceu hesitar, e Ximena impacientou-se consigo mesma. — A pergunta é estúpida, sei disso. Elvira e Teresa vão ser entregues a Urraca Fernan-

dez, tenho a certeza. — E irritada acrescentou: — Pobre Constança, pelo menos aqui, nas minhas terras, vivo livre da tua irmã.

A expressão de Afonso revelou fúria, e Ximena recuou, antes que fosse tarde:

— Quero que duas das minhas damas, a ama e duas criadas sigam com elas. E nunca antes de maio. Quero antes peregrinar a Santiago.

E inclinando a cabeça numa vénia propositadamente mal feita, saiu da sala.



À primeiríssima luz da madrugada, quando os sinos acordavam os monges para as laudes, Ximena levantou-se e abrindo a arca tirou de lá o frasco do bálsamo de rosas e mirra. Soltou as fitas da camisa de dormir, deixando-a cair aos seus pés, e em gestos suaves untou o corpo, sentindo as suas formas firmes, a sua pele delicada. Sacudiu a cabeça, soltando o cabelo que lhe chegava à cintura, e estremecendo de frio estendeu a mão para o manto que deixara no fundo da cama, cobrindo com ele o corpo nu.

Saiu para a câmara que separava o seu quarto daquele onde dormia Afonso, fazendo sinal ao soldado que guardava a porta para que a abrisse. Fechou-a atrás de si, sem barulho, e estacou uns segundos, inspirando o perfume a rosas que chegava do jardim, ou seria o seu? Depois puxou para trás o lençol coberto por um alfâmbar grosso e quente e deslizou para dentro da cama do rei.

A ninfa saía do lago, irresistivelmente atraída pelo seu amor.

— Ximena...



Teresa bateu o pé, zangada:

— Alberto, porque é que o imperador se foi embora sem se despedir de mim?

O pobre escudeiro abanava a cabeça, desconcertado. Fora tão surpreendido como a princesa pelas cavaliças vazias, os arreios desaparecidos... como raio adormecera num sono tão pesado que nem ouvira os homens do rei partir, ele que dormia ali mesmo na palha? A mão pressionava com força as têmporas, que latejavam de dor, recordando-o de que talvez tivesse exagerado nos púcaros de vinho que insistira em beber na véspera.

— Senhora D. Teresa, pode ter a certeza de que não sei. Porque se soubesse tinha partido com o imperador. Era o que me faltava ser condenado a ama-seca!

O rosto pálido de Teresa franziu de fúria:

— Como é que te atreves?

O abade Pedro, que acabara de sair para o terreiro frente à igreja, ao assistir à discussão, gracejou:

— Ainda só vamos na hora terça e já se insultam?

Teresa beijou-lhe o anel. A mão de D. Pedro escondida pelo linho da camisa, aquele cheiro a roupa lavada no rio e posta a secar ao sol a acalmá-la, e Alberto dobrou o joelho sobre o pó, beijando-lhe a sandália. Não por respeito, mas não vá o diabo tecê-las, e o diabo tecia-as a cada oportunidade, desejoso de reforçar o seu exército com moços novos e ambiciosos como ele, como lhe contara a sua querida mãe, que deixara em Coimbra.

O abade içou-o suavemente pelos ombros e olhou-o nos olhos, sossegando-o:

— Meu filho, ensinar a filha do imperador a lutar pela espada não é ser ama-seca — assegurou-lhe, numa voz suave.

Teresa abanou a cabeça, satisfeita, mas baixou os olhos mal o abade se virou para ela e a repreendeu:

— Não serás ama-seca se a princesa não se comportar como uma criança de colo e se se recordar das responsabilidades que lhe traz o facto de ser filha da senhora do Bierzo, patrona deste mosteiro.

A infanta escondeu as mãos para que D. Pedro não visse como tremiam, de vergonha, de raiva, de desejo de responder à letra... se ao menos encontrasse as palavras certas.

Gostava deste padre que conhecia desde pequena e que se referia sempre com mais deferência à sua mãe do que a Afonso. Sabia bem que nada agradava mais a Deus do que a fundação de um mosteiro, e patrocinar mosteiros era o que a sua mãe fazia com dedicação.

São Pedro de Montes, que o abade não se cansava de repetir que tinha sobre a sua alçada mais de 85 localidades e 62 igrejas, o Mosteiro de Peñalba de Santiago, e ainda havia o de Santo André de Espinareda. O pai podia mandar mais, mas mandava longe dali...

D. Pedro chamou-a de novo à terra:

— Não será melhor começar o dia de coração limpo, senhora D. Teresa?

Teresa conformou-se ao inevitável:

— Obrigada por teres ficado, Alberto — disse com o cuidado de não pôr demasiada convicção nas palavras.

— E agora vão quebrar o jejum, porque têm um dia longo pela frente — sorriu o abade Pedro.

Teresa fez menção de perguntar porquê, mas a ama já chamava por ela, impaciente.



Teresa estacou à porta, impressionada pela cena. A mãe sentava-se em cima de uma arca, junto à janela, e ao seu lado Elvira soluçava, inconsolável.

lável. O rosto de Ximena parecia cansado, as olheiras fundas, enquanto passava a mão suavemente pelo cabelo da filha mais velha, num gesto que preocupou a princesa, quase mais do que as lágrimas da irmã. O que teria acontecido para que estivesse tão terna?

Ao reparar nela, a mãe indicou-lhe o fundo da cama, e Teresa sentou-se, os pés a baloiçar da enxerga de palha, procurando desfazer o nó que se enrolara na garganta e a impedia de perguntar sequer o que tinha acontecido.

Ximena forçou um sorriso:

— A menina Teresa perdeu o pio pela primeira vez na vida?

Teresa desviou os olhos para que a mãe não os visse cheios de lágrimas. Não era preciso ser muito esperta para perceber, pela cara da mãe, pelas lágrimas da irmã e pela azáfama das criadas que enchiam as arcas de roupa e arrumavam tudo, que iam partir. E não podia ser para casa, ninguém chorava por regressar a casa...

— Vamos para casa, mãe?

— Hoje para casa — disse Ximena.

Mas antes que pudesse continuar, Elvira indignou-se:

— Mas depois para Leão, para a corte do imperador.

Os olhos de Teresa iluminaram-se:

— Vamos para a corte? Para Leão? Para a corte do imperador? — perguntou, sem esconder a excitação.

Porque estavam todos tão tristes, se tanto esperara por este dia.

Ximena exclamou:

— Meu Deus, que duas irmãs tão diferentes! Mas tens toda a razão, Teresa, só há motivo para alegria. Vão as duas para a corte, para Leão, Zamora, Sahagún, conhecer todos os palácios do imperador, aprender com os melhores...

Elvira limpou os olhos à manga e protestou, virando-se para Teresa:

— És mesmo tonta, não percebeste que a mãe fica cá, que a mãe fica em Urvel?

Teresa pareceu ter sido atingida por um raio. Sem a mãe? Na corte de Constança, da rainha Constança, na corte da princesa Urraca, a filha legítima do imperador, poucos meses mais nova do que ela, sem a proteção da mãe?

Juntou as sobrancelhas, como se desejasse que por pensamento as rivais se desfizessem em pó, mas depois sacudiu a cabeça com tanta força que perdeu a maldita touca, e, cruzando os braços, concluiu:

— Meninas mais pequeninas do que nós são enviadas para casa de nobres para serem educadas, não é assim, mãe? E podemos voltar ao Bierzo sempre que quisermos, não podemos, mãe?

Aproximando-se, atreveu-se a pôr os braços em redor do pescoço de Ximena, beijando-a, inspirando com convicção aquele cheiro a rosas que a inebriava, e depois, soltando-se, exclamou:

— Quando eu mandar muito, porque vou mandar muito, acredite minha mãe, vamos estar todas juntas outra vez!

Ximena voltou a colocar-lhe a touca no sítio, e olhando-a nos olhos concordou:

— Vais mandar muito, Teresa. Não tenho dúvidas. Trabalha para mereceres o poder, mas quando o tiveres não o deixes fugir. O poder permite-nos fazer coisas boas. Com ele podemos lavar os pecados que outros cometeram, lutar pela justiça, e assim servir ao Senhor Nosso Deus, que está no Céu.

Subitamente, Teresa recordou-se do malmequer que ontem tivera nas mãos: «Bem me quer, mal me quer, muito, pouco ou nada.»

Quando mandasse, a mãe voltaria a ser a mais amada pelo rei.

Elvira deitara a cabeça no colo da mãe. Por muito que se esforçasse, não entendia estas conversas. Tudo o que queria era viver em paz, e sete anos de vida diziam-lhe que quem mandava nunca tinha sossego.

Teresa começou a andar de um lado para o outro do quarto, os sapatos num sussurro contra a laje de pedra, subitamente impaciente:

— Quando partimos para Leão?

Ximena sorriu:

— Primeiro vamos em peregrinação a Santiago. Não vos quero fora daqui sem terem visitado o Santo Maior, sem terem rezado junto do seu túmulo.

Até Elvira se animou. Finalmente iam peregrinar, finalmente iam conhecer a grande cidade de Santiago, que atraía tanta gente.

— Agora vão preparar as vossas coisas, para recebermos a bênção do abade, antes de regressarmos a Urvel.

Teresa pensou no frio que ia passar, montada na sua mula, e Elvira temeu os cães selvagens e os lobos, que por vezes chegavam tão perto que se viam a olho nu e era preciso um dos soldados acender uma tocha de fogo para que se afastassem.

A irmã mais nova deu-lhe a mão, pressentindo o que lhe via na expressão:

— Lembras-te daquela vez em que até a mãe sacou da adaga e os soldados cortaram a cabeça aos salteadores que não nos deixavam passar?

Elvira tapou o rosto com as mãos, a querer esquecer, mas Teresa murmurou:

— Sabes que fui incapaz de fechar os olhos? Olhei e olhei e olhei, hipnotizada pelas cabeças que pendiam ainda dos corpos, o sangue a escorrer, mas os olhos ainda vivos.

Elvira deu um grito:

— Não digas essas coisas que me fazes pesadelos.

Teresa, sentindo sobre si a atenção da ama, abriu a arca e começou a atirar lá para dentro os seus brinquedos:

— Não olhes para mim assim, ama, que já me confesso em Santiago. A ama passou-lhe a mão pelos cabelos:

— Faz bem, menina, porque não nos devemos alegrar com a morte, mesmo com a dos nossos inimigos.

Teresa encolheu os ombros. Alegrava-se, disse não tinha dúvida, e suspeitava que o pai, sempre que cortava a cabeça a mais um sarraceno, sentia o mesmo.



A senhora do Bierzo acompanhara as suas filhas até ao paço de Astorga, a fronteira ocidental do seu território, a dois dias da cidade real de Leão. A partir daqui teriam de seguir sozinhas, pensou Ximena Moniz, enquanto subia as escadas que a levavam aos aposentos das princesas.

Fazendo sinal à ama, que bordava à luz da vela, Ximena entrou no quarto onde as filhas dormiam, procurando não tropeçar nos baús ainda abertos, para que de manhã se arrumassem as últimas coisas antes de os fechar. As despedidas tinham sido emocionadas, e os cabelos revoltos de Teresa e Elvira misturavam-se sob os travesseiros de linho, sinal de um adormecer difícil e de um sono agitado. Não voltaria a vê-las acordadas, partiria antes de o Sol se levantar para o Mosteiro de Santo André de Espinareda.

Sentou-se na beira do colchão e olhou-as como que pela última vez, quem sabe se não o seria? Teresa segurava presa na mão a pequenina caixinha de marfim, a caixa que Afonso lhe dera há tantos anos e que ontem passara à filha, e percebia-se que ao pescoço tinha pendurada a relíquia de Santo André, o santo da sua devoção. A caixinha redonda que dera a Elvira, forrada a seda do Oriente, recordava-lhe Zamora e Afonso. Pendurara-lhe também num medalhão a relíquia do lenho da cruz de Cristo, era justo que a desse à sua filha mais velha, por uma vez não a podia discriminar. Ambas tinham com elas a vieira, a concha que provava que os peregrinos haviam chegado ao seu destino, apanhada nas praias de Finisterra. Esperava que o Santo Maior velasse pelas suas meninas...

Ficou mais um bocadinho, atrevendo-se a passar os dedos pelo cabelo de Teresa, como um pente de dentes largos, guardando no coração a memória daquela textura tão suave.

Ainda ontem, pediu ao astrólogo que lhe dissesse o que revelava o horóscopo das suas filhas, e respirara de alívio quando o sábio lhe garantia que o futuro de ambas brilhava como as estrelas mais luminosas do firmamento. Teresa teria a força para se impor, vergando todas as vontades à sua, e Elvira, Elvira partiria para longe, esperando-a uma vida de aventuras. Ximena duvidara, mas o homem limitara-se a olhá-la com desprezo, garantindo-lhe que o destino não estava nas mãos das mães, por muito

reais que fossem, mas nas de Deus, e a vontade do Altíssimo podia ler-se nos astros. Por isso, sim, Elvira partiria.

Com o polegar estendido, desenhou-lhes na testa o sinal da cruz. Partiam com a sua bênção, mais nada lhes podia dar.



Alberto saltou do fardo de palha onde dormia ao ouvir o relinchar de uma égua, que os moços da cavalaria aparelhavam. Saiu disparado para o pátio e deu de caras com Ximena Moniz, a capa escarlate com o capuz puxado sobre o rosto, cobrindo-o de sombras, a senhora mais bela que alguma vez tinha visto. Ximena deu uma gargalhada trocista:

— O fiel escudeiro tem o sono leve! Aprendeu a lição desde que o rei partiu sem ele?

Percebendo que ofendera o pobre rapaz, reabrindo a ferida, pousou-lhe uma mão no ombro e disse-lhe num tom meigo:

— Vinha à tua procura, Alberto. Confio em ti e tenho um último pedido a fazer-te: toma conta delas, protege-as, dos males visíveis e dos invisíveis, naquela corte de víboras, de gente que usa os poderes ocultos para destruir quem lhes faz sombra...

O escudeiro assentiu com a cabeça, mas Ximena pretendia mais:

— Juras, Alberto?

Alberto jurou, e depois, entrelaçando as mãos, como se fossem um estribo, ajudou-a a montar. Com dois toques hábeis das rédeas partiu a galope, soltando subitamente um grito estridente e inesperado, como um grito de guerra: «Anasisapta.» A palavra ecoou nas muralhas e subiu aos campanários, rodopiando como um remoinho de vento, levantando as folhas do caminho.

— Anasisapta — repetiu Alberto, estremecendo.

E ouvindo o sino do Mosteiro de Astorga assinalar o fim dos cânticos da hora primeira, correu em direção à porta da igreja, como se estivesse possuído pela loucura. Entre os monges que saíam em fila, procurou o abade, e lançando-se aos seus pés implorou:

— Pai, preciso que um dos escribas escreva uma mensagem. É uma questão de vida ou de morte — acrescentou, num murmúrio.

O abade falou-lhe com doçura:

— Suponho que não virá mal ao mundo se procurares o irmão Raul e lhe pedires que te escreva essa carta — disse, encaminhando-o em direção à porta sagrada, que nenhum estranho se atrevia a franquear sem licença.

— Procura-o no segundo claustro — acrescentou.

Alberto sentiu-se ligeiro, o coração aos saltos, inundado por um sentimento de euforia, como se a pedra daquelas paredes, que se transformavam em colunas e arcos até ao céu, lhe desse coragem, como se a água que

jorrava da fonte do jardim lhe permitisse aceder ao Paraíso. Benzeu-se por várias vezes enquanto caminhava em direção ao claustro para onde o abade o enviara, o claustro dos escribas, que dedicavam a vida a copiar os grandes livros. O cheiro ocre a tinta confirmou-lhe que estava próximo. Nunca entrara num *scriptorium* como aquele. Olhou, com espanto, para os mais de dez monges sentados em bancos altos, junto de mesas ainda mais altas, sobre as quais repousavam tinteiros grandes e vasos cheios de penas coloridas de todos os tamanhos e feitios.

— Irmão Raul — indagou baixinho.

Um monge de cara redonda e simpática sorriu:

— Pelo menos aqui, acho que sou o único.

Alberto sentiu-se subitamente a corar. Agora que estava perante a situação, tremia. Como conseguiria explicar o que o trazia aqui? O súbito acesso de insanidade que o movera a este gesto?

— Preciso de escrever uma palavra. Num pergaminho virgem — anunciou, acabrunhado.

O irmão Raul indicou-lhe um banco sem ninguém, e o escudeiro encavalitou-se nele, as mãos a tremer.

— Presumo que queiras ser tu a escrever a tal palavra — disse.

Alberto concordou com a cabeça. Sabia as letras, aprendera-as na catequese em Coimbra, com um monge que garantia que ele tinha cabeça para essas coisas. Mas há quanto tempo não segurava uma pena, não controlava o gesto de encher o bico de tinta e de o chegar à tela, sem que esborratasse tudo. Temia deitar a oportunidade a perder, mas o irmão Raul parecia ter todo o tempo e paciência do mundo:

— Usa aquela tela já muito escrita, pega no pano, limpa o bico — foi instruindo, e Alberto sentiu-se cada vez mais excitado, como no primeiro dia em que vestira cota e elmo e lhe tinham posto uma espada na mão.

— Escreve primeiro o teu nome, para ver se essa mão para de tremer — sorriu-lhe o frade, escondendo a gargalhada, temendo ofendê-lo.

Alberto mordeu o lábio e desenhou com cuidado o A capitular, procurando não deixar que a pena parasse...

— Bravo! — exclamou o irmão Raul, e os outros monges olharam com curiosidade para o miúdo que testava a sagrada arte da escrita.

— Agora pega no pergaminho virgem e escreve a palavra que te trouxe até aqui.

As maçãs do rosto de Alberto voltaram a ficar da cor da romã, mais encarnadas do que o Sol quando se põe num final de tarde de verão.

— Esta pena é de um pato, de um pato macho? — perguntou ao ouvido do monge.

O irmão Raul respondeu-lhe igualmente num sussurro:

— Julgavas que te daria uma pena que não fosse mágica?

Alberto, comovido, de um lance, desabafou, falando baixo, com medo de que os outros o ouvissem:

— A senhora D. Ximena partiu a galope e gritou ao vento aquela palavra, aquela palavra que protege da doença e do mau-olhado, da magia negra e dos rancores. Sei que queria proteger as filhas, as filhas que me entregou à guarda, irmão Raul, a mim que sou apenas um escudeiro. E sei que, se essa palavra mágica não for escrita num pergaminho virgem e com pena de pato macho, não serve de nada...

Perante o silêncio compreensivo do monge, acrescentou:

— Irmão Raul, não sou capaz de escrever uma palavra tão difícil e comprida.

O monge pediu-lhe a pena:

— Serei então eu a escrevê-la — disse, escrevendo a palavra com destreza e enrolando logo depois o pergaminho, passou-lhe um fio de linho que selou com lacre, entregando-o ao rapazinho:

— Leva isto contigo, guarda-o bem, mas não quebres o selo, exceto em situação de grande aflição.

Impedindo o jovem escudeiro de se ajoelhar aos seus pés, afagou-lhe o cabelo e encorajou-o:

— Vai à tua vida, meu filho, mas não te esqueças nunca de que não há palavra nenhuma que tenha nem mais força nem mais poder do que o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Alberto recuou devagarinho até à porta daquele lugar que lhe parecia mais sagrado do que todas as igrejas, procurando registar cada um dos detalhes. Quando fechou a porta, seguiu o rasto da corrente de ar, até encontrar a porta da cozinha, e quando se viu sob céu aberto inspirou o ar fresco da manhã e correu até ao paço.

— Alberto, onde é que te tinhas metido? — ouviu a voz de Teresa reclamar quando o viu chegar, ofegante.

A princesa estava rabugenta, como acontecia sempre que acordava cedo, pensou divertido, escondendo no bolso da capa o pergaminho poderoso.

— Em que posso servi-la, senhora D. Teresa — disse-lhe, fazendo-lhe uma vénia exagerada. Teresa, o cabelo preso num carrapito, coberto pelo capuz da capa, parecia uma cópia de Ximena Moniz, reparou subitamente Alberto, sobressaltado.

A princesa leu-lhe a expressão, e franzindo o nariz perguntou desconfiada:

— Estás tão agitado, o que é que me escondes?

— Alegra-me a ideia de partir consigo para Leão, senhora D. Teresa, é só isso. E sabe qual é a primeira coisa que vou fazer quando lá chegar?

Teresa continuou a olhá-lo com cuidado, mas nada conseguia diminuir o bom humor do escudeiro:

— Não sabe, então eu digo-lhe. Vou aprender a ler e a escrever!

A princesa indignou-se:

— Como é que alguém que pode passar o dia todo a montar a cavalo e a brandir a espada prefere ir sentar-se em frente de um pergaminho?

Mas Alberto já entrara para aparelhar as éguas brancas que o imperador mandara entregar às filhas. Queria que entrassem com toda a dignidade na cidade real. Teresa, ao ver o presente do pai, esqueceu tudo o resto. Estava na hora de partir.

Alberto cavalgou ao lado das duas princesas, à frente de um curto cortejo de gente e carroças atoladas de arcas. Junto ao peito trazia o pergaminho.

— Anasisapta — murmurou, apertando-o contra si, e pedindo assim proteção para as pequeninas filhas do rei e da senhora do Bierzo. Ou devia antes dizer «Jesus Cristo»? Aprenderia a escrever para que nunca mais escrevessem por ele, jurou a si mesmo.

Paço de Leão, julho de 1086

A linha das muralhas da cidade de Leão já se via à distância, naquela planície tão árida, como nenhuma que Teresa conhecera até então. Voltava ao palácio onde nascera, mas partira dali apenas com semanas de vida, não guardava dele nenhuma memória, apenas as histórias que a ama contava de uma cidade cheia de gente e cheiros, de gritos e pregões, onde as procissões cruzavam as praças várias vezes ao dia, gente rezando para que Deus as salvasse da doença, lhes trouxesse ora sol, ora chuva, descontente com tudo.

Sentia as pernas moídas e a cabeça estonteada depois de dois dias sob o sol quente de junho, o pó do caminho a cobri-la por dentro e por fora, deixando-lhe a garganta tão seca que nem a água do cantil aliviava. Tirou o chapéu de palha de abas largas, que a ama a obrigara a usar, e abanou-se com ele, na esperança de uma aragem.

Alberto troçava dela, dizendo-lhe que com aquela resistência não sabia como havia, um dia, de comandar exércitos, e aí Teresa redescobria forças para se endireitar na sela e deitar-lhe a língua de fora.

Ouvira as damas da mãe a comentar que a entrada das princesas do Bierzo em Leão teria de ser «digna, mas discreta», o respeito pela rainha Constança assim o exigia, mas quando as trompetas soaram e a porta norte da cidade se abriu para as deixar passar, Teresa sorriu para a esquerda e para a direita, acenando a uma multidão que indiferente às vontades oficiais se juntara ao saber da chegada das filhas do imperador.

Deixaram para trás a ponte, contornaram a torre fortificada e, de repente, Teresa e Elvira foram surpreendidas por um palácio magnífico, torres altas aqui e mais baixas ali, janelas sem fim, e as armas de Leão e Castela no enorme escudo sobre a porta. O ruído de água a correr levou-as a observar melhor a grande praça, para repararem, com espanto, numa enorme fonte, de onde a água escoava por canais abertos, onde um grupo de miúdos se molhavam uns aos outros, entre risos e gargalhadas.

Os soldados indicaram-lhes a passagem para um enorme pátio interior, e dois criados correram para as desmontar, mas já lá estava Alberto pronto para as ajudar a descer. As damas da mãe, a ama e as criadas fecharam um círculo em redor das princesas e assim atravessaram o terreiro, e seguindo as indicações de um escravo tão ricamente vestido que Teresa achou-o um príncipe, entraram numa sala maravilhosamente fresca. Apesar dos olhos cegos da luz, Teresa conseguiu perceber ao fundo duas cadeiras de madeira torneada, onde duas senhoras se sentavam, assistindo aparentemente impassíveis à chegada daquele pequeno bando. Uma era alta e magra, a cara austera mas magnífica, a segunda mais baixa e roliça, de rosto bonacheirão, como Teresa sempre imaginara as fadas da floresta convocadas para o batizado das princesas.

— Aposto que a magra é a tia Urraca e a outra a tia Elvira — disse baixinho Teresa ao ouvido de Elvira, e num gesto instintivo deram as mãos com força, entrelaçando os dedos como uma corda em que os fios se unem para a tornarem mais resistente.

Foi a tia Urraca quem falou primeiro. Num timbre alto, com picos mais estridentes, saudou-as a todas, avançando depois para as irmãs sempre a falar. Junto delas, beijou-as apressadamente, e, segurando-as pelo braço, afastou-as das damas, anunciando que, a partir de agora, seriam ela e a tia Elvira as responsáveis pelas sobrinhas. Indiferente à expressão de ódio da ama e de pânico das infantas, ordenou às duas crianças que a seguissem, sem se dignar sequer a olhar para trás, tão segura estava de que lhe obedeciam.

Teresa e Elvira, de mão dada, atravessaram salas magníficas, o chão de grandes lajes de pedra, cobertas de tapetes de couro, as paredes decoradas por enormes tapeçarias, iluminadas em pleno dia por castiçais com mil velas, tantas, tantas como nem em Santiago, junto do túmulo do santo, tinham visto.

Finalmente, a tia Urraca estacou junto de uma porta de carvalho, que lhes parecia gigante, e, abrindo-a de par em par, mandou-as entrar:

— Este é o vosso quarto, estimem-no bem — declarou.

As duas irmãs viram, com espanto, que as suas arcas de viagem já lá estavam, como que a marcar o território. Elvira controlou o impulso de correr a abrir o baú, procurando a caixa redonda que a mãe lhe dera e onde guardara o medalhão com o lenho da cruz sagrada, mas Teresa não resistiu, até sentir uma mão pesada sobre o ombro:

— Não é altura de desfazer as arcas, há ainda muito para ver.

Teresa, enervada, tentou libertar-se da garra, gritando:

— Tenho de tocar na relíquia de Santo André que a minha mãe me deu, tirei-a do pescoço para a viagem, tenho de lhe tocar.

A voz quase em lágrimas de criança de seis anos não demoveu Urraca Fernandez. Obrigando-a a pôr-se direita, confirmou:

— Ai isso é que não vais! Cada coisa a seu tempo e, se chegam mima-das pela mãe, depressa vão perder esses maus hábitos.

Elvira viu a tempestade no rosto de Teresa à crítica a Ximena Moniz, e desejosa de evitar o confronto entre a irmã mais nova e esta bruxa, fez uso de toda a sua arte, distraíndo-a:

— Teresa, já viste como a nossa cama é magnífica? Tia Urraca, que cama tão bonita — comentou.

A admiração tornando-se genuína à medida que olhava mais de perto a cama de dossel, de reposteiros de seda encarnada, com listras douradas, uma colcha bordada a ouro que cobria aquilo que só podiam ser mais de três colchões de penas.

Felizmente, Teresa espantou-se, e o elogio surtiu efeito na tia Urraca, que inchou de satisfação. Mandara vir os tecidos de Sevilha, mas fora a rainha Constança que trouxera da Borgonha uma cama semelhante, que mandara copiar para os quartos do paço real de Leão.

— Venham então, preciso de vos mostrar a tribuna real, de onde podem assistir à celebração das horas, exceto às da noite, claro, acrescentou, como se tomasse consciência pela primeira vez de que tinha à sua frente apenas duas crianças.

Teresa e Elvira olharam fascinadas para a enorme Basílica de Santo Isidoro, ricamente adornada, as velas e as tochas deixando perceber a urna do santo, no altar-mor. Sem hesitação, ajoelharam-se e rezaram uma oração de agradecimento por terem chegado sãs e salvas, como a tia Urraca lhes ordenou.

— Será que agora já podemos ir para o quarto? — sussurrou Teresa, mas a tia Urraca tinha outros planos. Sentindo-se avaliada pelos olhos verdes da sobrinha mais nova, que tanto lhe lembravam os de Ximena, indicou-lhe as escadas em caracol, que desciam para um claustro escuro.

— É aqui que quero ser enterrada, é aqui que os vossos avós jazem — disse numa voz fria, e Teresa e Elvira procuraram de novo a mão uma da outra.

Teresa olhou de soslaio para as tias, como que a avaliar o tempo que ainda lhes faltava de vida, e pela primeira vez a tia Elvira deu sinal de si, na forma de um risinho divertido.

— Temos as duas mais de cinquenta anos, mais velhas um bocadinho do que o imperador, mas, se Deus assim o quiser, ficaremos por cá mais alguns verões.

Quanto à tia Urraca, nem se dignou a comentar as infantilidades da irmã, e indicando o caminho, levou as sobrinhas para a basílica. Apon-tando para os arcos das portas, em forma de ferradura, e para as colunas

trabalhadas que suportavam um magnífico teto em abóbada, comunicou que esta era a maior basílica de toda a Espanha e que faria parte das lições de todos os dias uma visita às obras e aos seus tesouros.

Subitamente, Teresa reparou nos frescos maravilhosos do teto, que contavam histórias, mostravam gente, e indiferente à ordem de que se despachasse, comentou entusiasmada:

— Elvira, repara, é um calendário. Cada mês tem o nome e a altura do ano agrícola. Estamos nas cearas, olha para o homenzinho com a foice na mão, mas o meu favorito é novembro, com o javali.

E virando-se para a tia Elvira, explicou:

— O meu pai, o imperador — corrigiu depressa, recordando que o deviam tratar apenas pelo título —, disse que me ia ensinar a caçar.

A tia Elvira passou-lhe a mão suavemente pelo cabelo, mas Urraca pareceu ter ficado ainda mais incendiada com o comentário:

— Teresa, não te tinha dito para te apressares? Não me obrigues a repetir a mesma coisa duas vezes...

Teresa ficou roxa de fúria, mas calou-se.

A tia Elvira atreveu-se a intervir:

— Urraca, porque é que não as deixamos ir tomar um banho, lavar o pó do caminho, e amanhã mostra-lhes tudo? As pobrezinhas mal se aguentam em pé.

Urraca recuou e olhou para as sobrinhas, que pareciam pequenos fantasmas à luz das tochas, e a custo concordou.

— Vamos então para cima, mas amanhã quero-as na basílica à hora primeira, e logo depois no *scriptorium*. Serei eu a dar-vos lições — acrescentou.

— As de montar e de armas é o nosso Alberto — corrigiu Teresa.

A tia Urraca tentou rir:

— Sei que têm um escudeiro que o imperador vos deixou e que vai também ensinar a princesa Urraca — e, hesitando, acrescentou:

— A vossa irmã Urraca.

— O Alberto é nosso — gritou Teresa, soltando um pranto, o pranto de uma criança cansada e desesperada, pela primeira vez longe da mãe, longe de casa.

Elvira correu a abraçá-la e a tia Urraca fez um gesto de desespero:

— Trata delas, Elvira, não me entendo com crianças — disse, subindo as escadas apressadamente.

Mosteiro de Santo André de Espinareda, julho de 1086

Ximena rezava frente às estações da Via Sacra que percorriam as paredes do grande claustro do Mosteiro de Santo André de Espinareda, quando o mensageiro chegou com uma nota enviada da corte de Leão.

«Bem chegadas, recebidas com toda a dignidade por D. Urraca Fernandez.» Era tudo o que dizia, escrito à pressa por uma das damas com o único objetivo de a sossegar. Acenou a cabeça, satisfeita, então sempre tinha sido Urraca a recebê-las. Temera que a cunhada fizesse questão em tratá-las como sobrinhas de segunda, meias-irmãs ilegítimas da única herdeira ao trono, já que o rei se encontrava ausente da corte a cercar Saragoça.

Mas era uma ingenuidade sua. Urraca Fernandez agia certamente, hoje, como sempre, em consentâneo com o seu irmão, e se o imperador viera buscar as filhas agora ao Bierzo era porque recebia o seu acordo. Mais do que isso, cumplicidade, fosse qual fosse o plano.

Olhou para a imagem de Cristo, esculpida na pedra, Cristo subindo ao monte das Oliveiras com a cruz aos ombros, a coroa de espinhos a ferir-lhe a cabeça, o rosto coberto de sangue, e suspirou. A história recente destes reinos era tudo menos bonita, e estava certa de que em breve haveria quem a contasse a Teresa e Elvira — Elvira e Teresa, repreendeu-se de novo. Já ela em criança a ouvira dos criados, por muito que os pais lhe garantissem que tudo não passava de rumores mal-intencionados. Mas isso fora antes de conhecer Afonso, antes de conhecer Urraca em pessoa. Depois, depois disso, acreditava sem dificuldade que a cunhada conspirara com o irmão, herdeiro do reino de Leão, para roubar ao rei Sancho o trono de Castela e ao pobre do rei Garcia o reino da Galiza e o Portucalense.

Afonso não gostava de falar de como conseguira reunir três coroas numa só cabeça, e ninguém se atrevia a fazê-lo à sua frente, mas no palácio de Leão dizia-se, nas cozinhas e por detrás das cortinas, que mandara

assassinar o pobre Sancho e usurpara o trono a Garcia, que diziam preso, sem culpa formada, no castelo de Luna.

Ximena Moniz mudou para a estação seguinte, ajoelhando-se perante Jesus Cristo crucificado, mas o pensamento não deixava a história de vida do seu amante.

Verdade que fora Sancho a começar a disputa, prendendo Afonso no castelo de Burgos. Mas logo aí Urraca Fernandez viera em defesa do irmão do meio, contaminando a comida de Sancho com pós de sonhos, provocando-lhe alucinações — e a magia negra resultara, e um dia acordara aterrorizado, jurando que São João lhe ordenava que tirasse as grillhetas a Afonso, sob perigo de condenação eterna às chamas do Inferno.

Ximena imaginava o sorriso de Urraca ao ouvir o irmão possuído, e a encorajá-lo, a dizer-lhe que sim. Ximena imaginava a vénia humilde de Afonso, à porta da cela aberta, a jurar de boca e mãos fidelidade ao rei Sancho de Castela. E mais tarde Afonso e Urraca no quarto, abraçados, como tantas vezes os encontrara, ela a aconselhar: «Esconde-te em Toledo, são só uns meses, esconde-te na cidade onde mouros, judeus e cristãos te darão abrigo, e espera, espera o meu sinal!»

Os factos contavam que Urraca Fernandez logo depois se mudara de Leão para Zamora, nas margens do rio Douro, a ravina de lado a lado, e aquele castelo de muralhas tão espessas, não de uma volta, mas de duas, o fosso cheio de água, a cidade inatingível, a cidade do seu coração. Como desejava que Teresa e Elvira a conhecessem, será que se apaixonariam tanto por Zamora como ela?

Ximena recordou-se, subitamente, do rosto de Pedro Ansurez, o braço-direito dos dois irmãos, e a quem agora a pequena Urraca fora entregue para educar, a princesa mais preciosa entregue ao cúmplice do crime, segundo se dizia.

Ximena estremeceu, de frio ou de receio que as paredes lhe lessem os pensamentos, e por segurança benzeu-se. Mas ainda com os joelhos na laje fria, os maus pensamentos voltaram, engolindo as palavras santas da ave-maria. Pedro Ansurez tinha então, nesses primeiros tempos, a responsabilidade de Zamora, e fora ele a espalhar a notícia de que dentro daquela fortaleza se preparava uma revolta. Sancho caíra na armadilha e acudira com as suas hostes, cercando a cidade. Pela calada da noite, um nobre traíçoeiro encontrou forma de se meter na tenda do então rei de Castela e de o apunhalar, matando-o pelas costas.

Sabendo da morte do seu irmão Sancho, sorrateiro como uma raposa pilha-galinhas, Afonso acudiu, simulando mágoa, e uma cúria de todos os magnatas de todos estes reinos o aclamaram Afonso VI, rei de Castela e Leão.

Ximena sentou-se sobre as pernas, aliviando os joelhos moídos, e não resistiu a sorrir. Não era preciso dizer que Urraca Fernandez presidiu à cerimónia ao lado do rei Afonso, destaque que roubou o fôlego mesmo aos

menos desconfiados. Menos, note-se, porque desconfiados estavam todos. Os seguidores de Sancho ainda se tentaram revoltar, e um nobre, mais nobre do que todos os outros, chegou mesmo a pedir ao recém-aclamado rei uma prova da sua inocência, pedindo-lhe que na grande Catedral de Burgos, perante Deus, jurasse nada ter a ver com a morte do seu irmão Sancho. E Afonso jurara.

Ximena inspirou fundo o perfume a alfazema e rosmaninho do jardim de ervas aromáticas dos monges, inebriantes, como que a quererem afastar todas as dúvidas.

Se a história tivesse ficado por aqui, se Sancho tivesse sido a última morte, talvez considerasse a inocência do pai das suas filhas, mas depois havia a prisão de Garcia, atraído de novo por Urraca, pela *domina* capaz de tudo. Garcia viera, levado pela ambição, talvez imaginasse alargar o seu quinhão, talvez apenas porque queria rever a mãe que ficara na corte leonesa, sem perceber o que se passava com os filhos, ou sem querer saber.

Fosse como fosse, Garcia regressou e foi aprisionado no castelo de Luna. Com grilhetas. Até hoje, lá estava, esquecido, sem que ninguém perguntasse por ele, sem que ninguém quisesse saber, nem os galegos, nem os nobres que peregrinavam a Santiago.

Afonso assumiu, com naturalidade, mais um título, como assumira agora o de Toledo e de todos os territórios que reconquistasse aos mouros. Como uma constante em tudo, Urraca Fernandez permanecia ao seu lado, governava com ele, e, na sua ausência, por ele, e desprezava as mulheres com que o irmão se deitava, condescendendo apenas porque não podia ela dar-lhe o herdeiro de que tanto precisavam.

— Que Deus me perdoe — disse alto Ximena.

Mas como podia pensar de outro modo de uma mulher que roubara ao rei a única mulher que ele amara, a sua doce e amada Ximena, conspirando com os bispos e os abades para que nunca fosse rainha.

Ximena ergueu-se e subiu para a sua cela. Pecava ao ajoelhar-se perante Deus com tanto ódio no coração. Olhou a concha que agora pendia do cinto da túnica e mordeu o lábio em arrependimento. Não se podia esquecer, nem por um minuto, de que agora Urraca Fernandez, a sua inimiga, tinha nas mãos aquilo de que mais precioso possuía, as suas filhas. Por agora Urraca vencia. Teria de esquecer o passado e aliar-se a ela pelo futuro de Elvira e Teresa. Só isso agora importava. Jurou cumprir a nova promessa.

Paço Real de Leão, setembro de 1086

Teresa estava sentada no escritório, frente a um gigantesco livro quase da sua altura. Empoleirada num banco alto, seguia o que ia lendo com o dedo, mas sem tocar nas letras, o que era mais do que proibido.

Este era o seu livro favorito, a Bíblia moçárabe, com as suas ilustrações fabulosas de tantos e tantos detalhes que podia mergulhar durante horas numa só imagem.

— Tia Urraca, porque é que S. Lucas é uma vaca com cornos? — perguntou, apontando para a imagem que surgia por cima do nome do evangelista. E antes que a tia pudesse responder, voltava a interrogar: — E S. Marcos, porque é que tem orelhas de burro?

Urraca espreitou por cima do ombro da sobrinha e explicou-lhe o significado de cada uma das imagens:

— Os moçárabes são muito inteligentes, Teresa, e sem nunca rene- gar à sua fé cristã, mesmo quando viviam sob o jugo mouro, souberam aprender com judeus e muçulmanos o que eles sabiam de medicina e da natureza. Essas flores que vês, essas cores maravilhosas, vais encontrá-las em Zamora, quando lá formos, e em Toledo, Córdova, Sevilha, que em breve o imperador vai subjugar.

A tia Urraca parecia outra dentro do *scriptorium*, tinham descoberto com surpresa e alívio Teresa e Elvira. Aqui não perdia a cabeça, nem se enfurecia. Os primeiros tempos em Leão não tinham sido fáceis, mas rapidamente as princesas haviam aprendido a tirar partido da situação, e ao contrário do que Teresa imaginara, as lições eram das suas horas favoritas.

Sentando-se no canto do banco da sobrinha, as mãos esguias de dedos finos e longos, como se tocasse harpa, Urraca puxou para junto de si o livro de Santo Isidoro, que contava a vida do santo trasladado de Sevilha para Leão, e começou a ler alto, e até o timbre da sua voz se tornou mais doce.

Subitamente estacou:

— Alberto de Coimbra, o que fazes aí a espreitar às portas?

As princesas viraram-se no banco, espantadas, e de trás da porta surgiu o escudeiro, gaguejando:

— Senhora D. Urraca, gosto tanto de a ouvir.

Teresa entusiasmou-se:

— É verdade, tia, sabe o que é que ele quer mais do que tudo? Aprender a ler e a escrever, bem, mesmo bem — acrescentou com convicção.

Os lábios finos de Urraca formaram um quase sorriso, fazendo-lhe sinal para entrar.

— Então, se quer aprender, é melhor começar já, em lugar de escutar às portas as conversas que não lhe dizem respeito.

Com a mão pesada de anéis e pulseiras de ouro, indicou-lhe um banco, para onde Alberto subiu em êxtase.

Ignorando-o, imediatamente de seguida, Urraca continuou a contar a história de Isidoro, nascido em Cartagena, e que era tão esperto, e tão favorito de Deus, que se ensinou a si mesmo o latim, o grego e o hebraico, no tempo em que o comum dos mortais não aprendia nem uma língua. Conhecedor da mente e do corpo, foi médico e arcebispo de Sevilha, e compilou todo o seu saber num livro único. A sua obra, dizia a tia Urraca, era tão fácil de ler que um dia Elvira e Teresa, e Alberto, claro, quando soubessem muito mais e se esforçassem muito mais, frisou, podiam ler. Quando morreu há mais de quinhentos anos, contou, as pessoas rezavam-lhe e obtinham milagres, e pediam-lhe ajuda nas horas de doença, e bênçãos para as sementes desabrocharem e o fruto amadurecer, e nunca Santo Isidoro recusava nada a quem merecia os seus favores.

O barulho de risos e conversas voltou a interromper a aula:

— É Urraca, de certeza absoluta — disse Teresa, fazendo menção de se pôr em pé, para ir à porta espreitar.

Ao contrário do que esperavam, a meia-irmã ainda não lhes tinha sido apresentada, e as semanas corriam sem que a conhecessem, limitando-se a vê-la passar, sempre muito bem vestida, no meio de um séquito de damas e criadas que visivelmente a tratavam como uma rainha.

A tia Urraca levantou a voz:

— Onde é que achas que vais, Teresa?

— Conhecer Urraca, tia, passa sempre por nós e olha-nos sobranceiramente, como se não nos visse...

Urraca Fernandez não se deixou impressionar, mandando a sobrinha mais nova sentar-se, embora Alberto lhe tivesse notado um ligeiro franzir de sobranceiras. Diria que não concordava com o comportamento da filha de Constança, mas não estava disposta a confessá-lo.

— Tia, não nos tinha dito que Urraca se juntaria a nós nas lições?

Urraca Fernandez virou-lhe as costas, fingindo estar entretida a pôr no lugar os livros que tinha retirado para ler às suas discípulas:

— Ainda não houve oportunidade. Urraca tem lições com um professor indicado pelo seu aio, D. Pedro Ansurez, e por enquanto é assim que as coisas vão ficar.

E virando-se de novo para elas, certa de que a pequena comitiva já devia ir longe no corredor, disse-lhes:

— Alberto, a partir de hoje podes juntar-te a nós. E livrem-se de não fazerem todos os trabalhos que vos dei. E Teresa, com uma letra que se consiga ler, ouviste?

Os três saíram o mais depressa que conseguiram da sala.

— Alberto, tens de descobrir quem é que não quer que a Urraca se dê connosco — disse Teresa, já nas escadas.

Mas Alberto encolheu os ombros:

— Quem fica a perder é ela. Tudo se endireitará quando o imperador voltar.

Mas Teresa jurou a si mesma que ia tentar descobrir sozinha. Arrogante criança, e mimada ainda por cima. Ia pedir à Elvira, que escrevia melhor do que ela, para escrever a queixar-se à mãe. Ximena saberia o que se passava.

Castelo de Urvel, setembro de 1086

Ximena não conseguia dormir. Pondo a almocela de seda pelos ombros, saiu para o pátio e subiu os degraus até à muralha do castelo de Urvel. A noite estava quente e a lua cheia deixava ver a sombra redonda das copas das oliveiras e o perfil largo e alto dos carvalhos. Lá mais em baixo, como um espelho, brilhavam as águas do lago de Carucedo. Seria hoje que a ninfa saía do lago? Inspirou fundo e jurou a si mesma que lhe cheirava a rosas. Antes fosse a sua disposição romântica, mas não era. A carta que recebera de Leão ainda há pouco deixava-a enfurecida. Conseguiu mesmo por não ter antevisto a manobra de Pedro Ansurez, o mais leal e mais próximo conselheiro do imperador, o mais leal e mais próximo conselheiro de Urraca Fernandez. Não era preciso ter empreendido muito para saber que faria tudo para expulsar da corte as filhas de Ximena Moniz.

Que estúpida fora. Bastava que se tivesse colocado no lugar dele: alguma vez abriria mão do poder que lhe dava ser a guardiã de uma criança, filha legítima do rei, herdeira de um império? Alguma vez aceitaria na mesma corte, como raposas colocadas no galinheiro, as filhas do rei e de uma mulher astuta e ambiciosa como a senhora do Bierzo, desvalorizando o seu trunfo? Arriscando um xeque-mate?

Tinha de ser sincera consigo mesma: não podia condenar Ansurez por reagir como ela própria reagiria, ela que daqui de longe nem por um minuto deixava de pensar como podia manipular as suas próprias filhas, de forma a assegurar o seu futuro.

Fora imprevidente e era preciso corrigir o mal o quanto antes. Não podia permitir que Pedro Ansurez, aproveitando a ausência do imperador, proibisse a pequena Urraca de conhecer as meias-irmãs, alegando que os escrúpulos o impediam de tamanha afronta à rainha-mãe da sua protegida, e muito menos que pusesse em prática a intenção já declarada de devolver Elvira e Teresa ao Bierzo.

Prendendo atrás da orelha uma mecha do seu cabelo agitada pela brisa da noite, subitamente deu uma gargalhada: o conselheiro de Afonso poderia ter encontrado um pretexto menos absurdo do que alegar que o calor de Leão podia fazer mal às duas crianças habituadas à frescura dos montes.

Ximena mordeu o lábio com força e o sabor a sangue tingiu-lhe a boca. De pouco lhe valia recorrer à chantagem, recordar a D. Pedro de que partilhara o leito de Afonso muito tempo, e muitas vezes, e sabia da sua responsabilidade na conspiração para assassinar o irmão mais velho do rei. Que se importaria D. Pedro com isso, depois de o próprio Afonso ter jurado na Catedral de Burgos, perante a Igreja e perante Deus, que nada tivera a ver com o homicídio do irmão, que lhe importaria isso tantos anos passados, a coroa firmemente na cabeça do rei, agora imperador?

Custava-lhe acreditar que a cunhada Urraca cedesse à pressão do conselheiro, sabendo que contrariava assim a vontade expressa de Afonso.

Subitamente endireitou-se e começou a andar pelo adarve, nervosa. Será que o imperador deixara explícito, como lhe jurara, que as três princesas seriam tratadas como iguais? E se Urraca Fernandez e Pedro Ansurez estivessem mais uma vez unidos, seguros de que era essa a vontade do rei, que afinal desejava apenas duas filhas para alguma troca de favores com o abade de Cluny ou os duques da Borgonha, não tinha visto o mago de Astorga que Elvira partiria para longe?

Agitada, rodava cada vez mais depressa no dedo o anel de rubi que Afonso lhe dera, como um daqueles tornados de vento que se formam de repente, sem se saber como, e levam tudo. Não era apenas um bom casamento o que procurava para Elvira e Teresa, mas a partilha do poder real de que as considerava herdeiras, numa tradição que nunca privara infantas de herdar em partes iguais com os seus irmãos, de reinar.

Desejava-o, por respeito a si mesma, por respeito a um amor, primeiro, e a duas filhas nascidas antes da filha de Constança, de uma relação, sabia-o bem, abençoada por Deus, mesmo que não o fosse pela Igreja de Roma, ansiosa por se imiscuir nos pactos que até então se faziam apenas perante o Altíssimo, como mandavam os Evangelhos.

«Teresa, filha minha», a voz de Afonso ressoava-lhe na cabeça. Afonso não a podia ter enganado, não podia ter iludido a sua adorada filha Teresa.

Prendeu o cabelo longo de novo num rabo de cavalo, num gesto mecânico, e inspirou a brisa que se levantava das águas e arrefecia a noite.

Precisava de contornar Pedro Ansurez, mas como, através de quem? Há quanto tempo não ia a Braga visitar o bispo D. Pedro, que reconstruía a diocese destruída pelos mouros, num esforço extraordinário de devolver a força à sua sé. Escolhido pelo pai de Afonso, regia as suas ovelhas com a força do bom pastor, taxando-as de impostos que investia em cada pedra da catedral que prometia sagrar em breve.

D. Pedro era a peça-chave para mover no tabuleiro em seu favor, pensou Ximena. Estava insatisfeito com o imperador, e o imperador com ele. Como podia ser de outro modo, quando Afonso pedia ao abnegado bispo que, no momento em que finalmente solidificava o seu poder e a sua riqueza, afugentasse o seu rebanho, dizendo-lhe que a forma como celebravam e rezavam não era do agrado de Deus?

Estava certa de que o bispo receberia a sua visita com agrado, e acolheria com ainda mais entusiasmo o que lhe podia propor — duas princesas, no tabuleiro da corte de Leão, prontas a advogar a sua causa, e um dia, se as peças fossem bem jogadas, a defender a autonomia daquela diocese e o poder daquele que era, por tradição, o primaz de Espanha. Sossegada por ter finalmente um plano, voltou ao quarto e dormiu até manhã alta. Nem sequer ouviu a Ondina cantar.